

DA LETRA AO SINTOMA: O NÓ

Taciana de Melo Mafra

Eu saberei julgar de modo exato o enigma apenas quando tiver renunciado a apreciar assim o todo e as partes e me esforçar por substituir cada imagem por uma sílaba ou palavra, que, por alguma razão, pode ser representada por esta imagem, escreveu Freud.

Esta frase de Freud corrobora com suas depreensões de seu consagrado capítulo 7 de “A Interpretação dos Sonhos”, onde afirma o que mais tarde Lacan formalizou como “O Inconsciente é estruturado como Linguagem”.

Além d’A Interpretação dos Sonhos”, constatamos que “O Projeto para uma Psicologia Científica”, “O Homem dos Lobos” e “Nota Sobre o Bloco Mágico”, portam uma preciosidade que é a precisão de Freud a respeito desse ponto mínimo do inconsciente que é a letra.

Sabemos que, para Lacan, o significante é suportado essencialmente pela voz e modulado pela palavra. Partindo do algarítimo saussuriano, ele nos aponta que o significante porta uma estrutura localizada que é o fonema. A escrita carecia de ser fonetizada e seus caracteres são minados a partir daí como que com mercúrio que através deles escoam e ecoam.

Falando da “Carta Roubada” de Edgar Allan Poe, Lacan comenta que o sonho é abordado literalmente, dando a literal o sentido de estrutura fonemática. Portanto na escrita egípcia a imagem possui valor de significante e não de significação, ou seja, o desenho simplificado do hieróglifo um vaso, por exemplo, revela-se pela composição que engendra literalmente para formar um significante.

O que recorta um significante na massa fonemática da língua e o determina é o reconhecimento de uma inscrição anterior mítica que articula significante/significado compondo o trilho simbólico do discurso, operação que Freud já no “Pro (...) ceitos psicanalíticos?”

Para apontar o sentido, Freud refere-se a uma certa escansão significativa, o que não deixa de ser uma alusão ao Real, mas sabemos que o Real não se entrega fácil ao significante, e isto encontramos com clareza nesse texto de Freud, o que aliás me parece a sua excepcionalidade, mostrar que é em relação ao Real que funciona o plano da fantasia. O Real suporta a fantasia e a fantasia protege o Real.

Partiremos do conceito de inconsciente em sua profunda relação com o conceito

do Un original isto é, o corte.

É esse corte que liga a função do sujeito como tal, do sujeito em relação constituinte ao próprio significante circunscrevendo esse passo dado por Freud em relação a Descartes, abrindo essa fenda no lugar da certeza, apontando o sujeito como dividido. Freud afirma que o inconsciente é constituído, essencialmente, não pelo que a consciência pode evocar, entender, discernir, mas pelo que lhe é por essência recusado.

Freud se dirige ao sujeito para dizer que é no campo do sonho que ele está em casa, no lugar da rede dos significantes, ou seja, lá onde estava desde sempre, no sonho. Campo ao qual os antigos atribuíam as mensagens dos deuses, e delas faziam alguma coisa, essas mensagens constituídas como uma rede na qual eventualmente algo se deixa pegar.

E o sujeito está aí para ser reencontrado, aí onde estava o Real. Essa rede a qual se volta, retorna cruzando seu caminho que é cruzado sempre do mesmo modo e da qual Freud nos fala na interpretação dos sonhos em seu 7º capítulo: “Falem de acaso, meus senhores, se isto lhes agrada, eu, em minha experiência, não constato aí nenhum arbitrário, pois isso se entrecruza de tal modo que escapa ao acaso.”

Freud depreendera, a partir de sua experiência clínica e da análise de seus próprios sonhos, que os significantes só se puderam constituir na simultaneidade, em razão de uma estrutura muito definida da diacronia constituinte. E, desta estrutura, Freud dizia: “tem que ter relação com a causalidade”. O que coloca no núcleo da estrutura do inconsciente a hiância causal.

Mas, retomemos a via do significante a partir do nome que Freud deu ao caso: “O Homem dos Lobos”.

Encontramos neste título a palavra *Wolf* que contém a letra *W* forcluída pelo analisante. Esta letra se inscreve na cadeia significante a partir do corte de Freud na forma de sua intervenção: *Você quer dizer uma Wespe*. Esta inscrição da sentido ao movimento discursivo, produzindo sujeito na cadeia significante.

O sujeito nada mais é do que o efeito do dito, isto é, o corte do significante, pelo

qual se representa, frente a um outro significante . O dizer de um sujeito, em compensação, origina-se de um lugar que é a hiância do simbólico: o Real, que vai preencher o objeto do desejo. O sujeito ignora esta origem, esta causa de seu dizer, o qual, em seguida, se extravia em demandas infinitas.

No entanto, o que se inscreve não é uma operação que transcorre submetida ao acaso, esta operação é um repetir-se estrutural.

A esta estrutura poderíamos atribuir o caráter de consistência, na perspectiva do que resulta, em sua singularidade, da composição dos registros do Real, Simbólico e Imaginário.

A série de trajetos coreográficos de uma estrutura se fará a partir de um ponto mínimo onde ancora essa engrenagem. E as representações que daí advém, com suas combinatórias, serão os elementos com os quais será possível alçar o resgate do que antecede esse ponto.

Estamos aí no terreno do sintoma, este não dito, essa letra muda que faz buraco no discurso.

“O Homem dos Lobos”, como chamou Freud, é uma referência a um sonho. O sonho dos lobos, o qual Freud ilustra com um desenho feito pelo analisante, é um marco para o aparecimento de um sintoma: “a fobia”.

Se pensarmos que Freud sempre sublinhou a excelência da linguagem nos sonhos, nas parapraxias e nos chistes todos peremptoriamente constituídos pela linguagem, então como pensar aí o sintoma?

Estamos diante da inscrição do sintoma no registro da psicanálise e não da medicina, no que esta comporta de uma referência ao patológico. O sintoma, para Freud, está no mesmo campo das outras formações do inconsciente ou seja no registro da linguagem.

E nesse ponto encontramos algo a dar relevo, pois, quando Lacan bem mais tarde nos fala no RSI sobre o lugar do sintoma no Nó Borromeu, ele o coloca topologicamente no ponto onde encontramos uma invasão do simbólico no Real. E o que seria isso senão o

mito enquanto o que bordejia a questão da ontologia do sujeito diante de uma verdade inapreensível, na forma de metáfora?

“O Homem dos Lobos” marca a obra Freudiana com a proeza da construção que aponta o avatar da imagem em seu caráter de linguagem, o ego e a questão sexual suscitada pelo Édipo, terreno do simbólico, onde os significantes “homem” e “mulher” não remetem aos conceitos de homem e mulher, mas à diferença dos lugares assinalados para um e para outro, pelo símbolo fálico único.

A simbolização se realiza através do Édipo.

A castração, isto é, a perda do objeto perfeitamente satisfatório e adaptado, é simplesmente determinada pela linguagem, e o que permite simbolizá-la é o Édipo, ao atribuí-la a uma exigência do pai em relação a todos. Sendo simbolizada a castração, persiste a Metáfora Paterna constituindo uma estrutura que, tomada por sua singularidade, é o que designa o sintoma na acepção lacaniana.

Obter uma perfeita apreensão do objeto ou fazer com que sua perda seja verdadeiramente definitiva são os pontos pelos quais basculam o neurótico nesse lugar de onde aborda o Real.

